



SIMON SCARROW

A ÁGUA DO IMPÉRIO

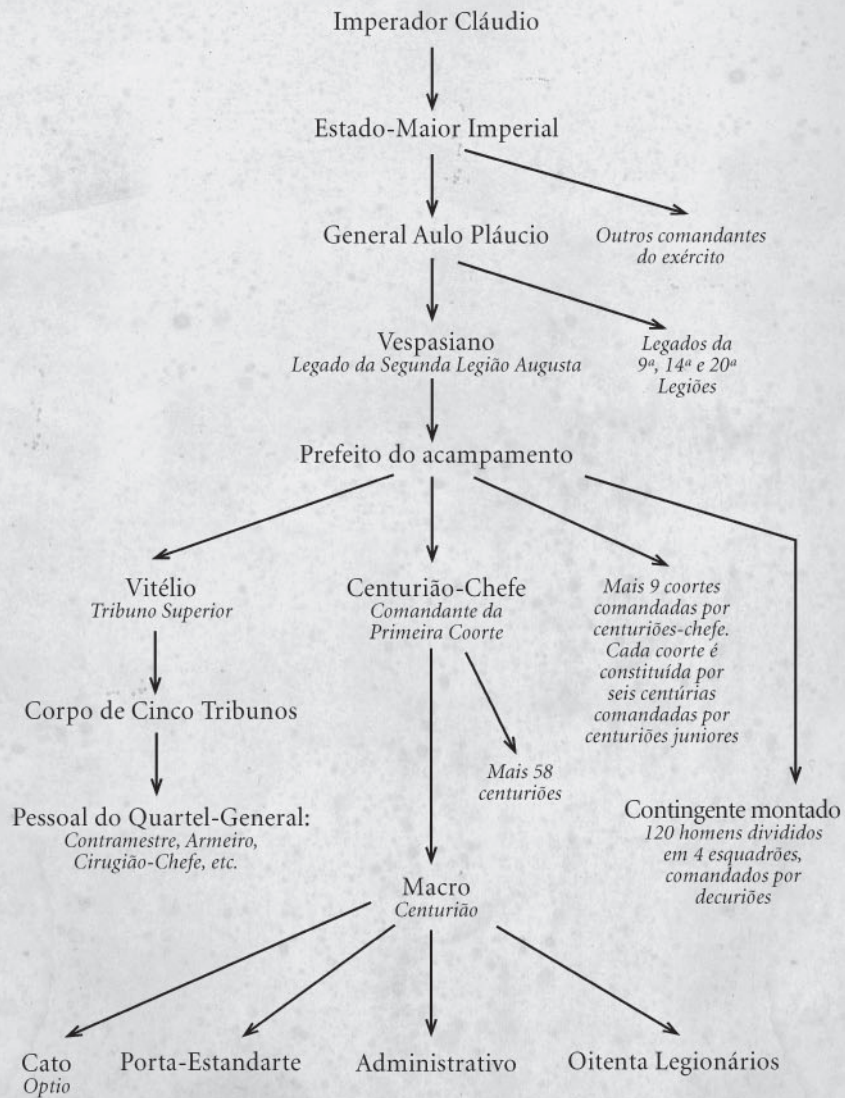
TRADUÇÃO DE SAFAA DIB



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

*Para Audrey e Tony,
os melhores pais e os melhores amigos*

A CADEIA DE COMANDO ROMANA 43 D.C.



ORGANIZAÇÃO DE UMA LEGIÃO ROMANA

A Segunda Legião, como todas as legiões romanas, era constituída por cerca de cinco mil e quinhentos homens. A unidade básica era a centúria de oitenta homens comandada por um centurião, auxiliado por um optio, o segundo no comando. A centúria dividia-se em secções de oito homens que compartilhavam uma divisão nas casernas, ou uma tenda se estavam em campanha. Seis centúrias formavam uma coorte, e dez coortes, uma legião; a Primeira Coorte era dupla. Cada legião era acompanhada por uma unidade de cavalaria de cento e vinte homens, distribuída em quatro esquadrões que executavam as funções de batedores ou mensageiros. Em ordem descendente, estas eram as patentes principais:

O *legado*, de ascendência aristocrática com cerca de trinta anos, dirigia a legião por um máximo de cinco anos. O seu objetivo era o de construir uma boa reputação, a fim de melhorar a sua conseguinte carreira política.

O *prefeito do acampamento* era, normalmente, um veterano de idade avançada que tinha sido centurião-chefe da legião e se encontrava no auge da carreira militar. Considerado uma pessoa íntegra e de vasta experiência, era o responsável pelo comando da legião quando o legado se ausentava ou tombava em combate.

Seis *tribunos* serviam como oficiais do estado-maior. Eram homens jovens, nos seus vinte anos, que integravam pela primeira vez o exército, de modo a adquirir experiência no âmbito administrativo, antes de assumirem o cargo de oficial subalterno na administração civil. O tribuno superior, pelo contrário, estava destinado a altos cargos políticos e ao eventual comando de uma legião.

Sessenta *centuriões* encarregavam-se da disciplina e instrução da legião. Eram zelosamente escolhidos pelas suas capacidades de comando e pela sua prontidão em lutarem até à morte. Não é de estranhar, assim, que o índice de baixas entre estes superasse em muito o índice de baixas nos outros postos.

O centurião com mais experiência dirigia a Primeira Centúria da Primeira Coorte, sendo uma pessoa respeitada e condecorada.

Os quatro *decuriões* da legião tinham sob o seu comando os esquadrões de cavalaria, e aspiravam a ascender a comandantes das unidades auxiliares de cavalaria.

Cada centurião era auxiliado por um *optio*, que desempenhava a função de ordenança com serviços de comando menores. Os *optios* aspiravam a ocupar uma vaga no posto de centurião.

No escalão inferior ao dos *optios* encontravam-se os *legionários*, homens que se tinham alistado por um período de vinte e cinco anos. Em teoria, só se recrutavam cidadãos romanos, mas cada vez mais eram aceites homens de outros povos, e se lhes outorgava a cidadania romana ao juntarem-se às legiões.

Os elementos das *coortes auxiliares* eram de uma categoria inferior à dos legionários. Originários das províncias romanas, serviam o Império na cavalaria, infantaria ligeira e noutras técnicas especializadas. Uma vez cumpridos vinte e cinco anos de serviço, era-lhes concedida a cidadania romana.

EUROPA CENTRAL
ANO 43 D.C.



PORMENOR DO
SUL DA BRITÂNIA



P R Ó L O G O

— É inútil, senhor, este filho da mãe está enterrado bem fundo. O centurião recostou-se contra o carro e fez uma pausa para recuperar o fôlego. Em seu redor, uma vintena de legionários esgotados estava enfiada até à cintura no lodo do pântano, procurando aguentar o cheiro hediondo. Do outro lado do carreiro, o general seguia com uma frustração crescente os esforços dos seus homens. Ao preparar-se para subir a bordo de um dos barcos de evacuação, tinham-lhe chegado notícias de que o carro saíra do estreito carreiro. De imediato, montara um dos poucos cavalos que ainda restavam e atravessara o pântano a fim de ver a situação com os seus próprios olhos. O carro, pressionado pelo peso da arca que carregava, resistia a todos os esforços que os soldados faziam para o libertar. Já não havia ajuda disponível dado que a retaguarda, depois de carregar o navio, se tinha feito ao mar. Entre o carro parado e o exército de Cassivelauno, que pressionava os calcanhares dos invasores romanos derrotados, apenas restavam o general, aqueles homens e os restos de uma unidade de cavalaria.

O general deixou escapar uma praga e, de repente, perto do arbusto onde tinha sido preso, o seu cavalo ergueu a cabeça, alarmado. Apercebeu-se então de que seria impossível recuperar o carro, e a arca era demasiado pesada para ser transportada até ao último barco, que esperava ancorado. Por razões de segurança, a chave da arca ficara a cargo do intendente, que já tinha zarpado. Para além do mais, a arca tinha sido construída de modo a que fosse impossível abri-la sem as ferramentas apropriadas.

— E agora, que fazemos, senhor? — perguntou o centurião.

O general fitou longa e pesadamente a arca. Não podia fazer nada, absolutamente nada. Nem o carro, nem a arca, nem o seu conteúdo se moveriam. Por um momento nem se atreveu a colocar essa possibilidade, já que a perda da arca implicava um retrocesso de pelo menos um ano nos seus planos políticos. Naquele momento desesperante de indecisão, uma trompa de guerra soou muito perto. Uma expressão de terror apoderou-se dos

legionários que começaram a sair do lodo para recolher as armas deixadas no caminho.

— Fiquem onde estão — gritou o general. — Não ordenei que se mexessem!

Apesar de terem o inimigo cada vez mais perto, os legionários detiveram-se, tal era o respeito e admiração que lhes infundia o seu comandante. Depois de olhar uma última vez para a arca, o general baixou a cabeça ao tomar a decisão.

— Centurião, desfaz-te do carro.

— Senhor?

— Terá de permanecer aqui até que voltemos no próximo verão. Arrasta-o um pouco mais até que se afunde por completo, desenha um mapa do local e depois volta à praia o mais rápido que puderes. Farei com que vos tenham preparado uma barçaça.

— Sim, senhor.

Furioso, o general deu uma palmada na perna, subiu para o cavalo e partiu em direção à praia, através do pântano. Foi então que ouviu novamente a trompa de guerra e escutou os golpes de espada entre a unidade de cavalaria que combatia já com a vanguarda do exército de Cassivelauno. Desde o momento do desembarque até à atual situação de fuga para a Gália, os homens de Cassivelauno tinham perseguido o exército romano, dia e noite, num constante desgaste aos soldados da vanguarda e da retaguarda, sem mostrarem nenhuma piedade pelos invasores.

— Força, rapazes! — gritou o centurião. — Um último empurrão... encostem os ombros ao carro. Prontos? Empurrar!

O carro afundou-se pouco a pouco no lodaçal; das gretas da base surgiram bolhas de água pantanosa que iam cobrindo o lado visível da arca.

— Vamos, empurrem!

Com um último esforço conjunto, os homens largaram o carro e este desapareceu sob a água escura, deixando atrás de si apenas algumas bolhas sobre a superfície viscosa.

— Já está, rapazes. De regresso ao barco. Rápido.

Os legionários avançaram pelo lodo até à margem e recolheram os escudos e as lanças, enquanto o centurião esboçava a toda a pressa um mapa do lugar na tábua de cera que levava pendurada ao ombro. Desenhado o mapa, fechou a tábua e juntou-se aos seus homens. Mas antes que a coluna se pudesse pôr em marcha, um súbito martelar de cascos no caminho fez com que os homens dessem meia-volta, aterrados, encolhidos pelo medo. Instantes

depois, um grupo da unidade de cavalaria surgiu a galope por entre o nevoeiro e passou pela infantaria. Entre eles estava um homem debruçado sobre o pescoço do cavalo, coberto de sangue devido a uma ferida num dos lados. Momentos depois, desapareceram.

Logo de seguida, ouviram chegar mais cavalos, desta vez acompanhados pelos gritos rudes dos bretões que haviam já antes aterrorizado os legionários. Eram gritos de guerra triunfais que provocavam calafrios ao exército romano.

— Levantar os dardos! — gritou o centurião, e os homens obedeceram, à espera da ordem para os arremessar. Ouviam o estrondo dos seus perseguidores, invisíveis e aterradores, a aproximarem-se por entre a neblina. De repente surgiram, já muito perto, umas figuras cinzentas e imprecisas.

— Lançar!

Os dardos voaram lado a lado e desapareceram de vista sobre os imprudentes bretões, que gritaram ao ser atingidos.

— Formação! — gritou o centurião. — Marcha rápida...

A pequena coluna estugou o passo pelo caminho que conduzia ao último barco de evacuação que os aguardava e os poria a salvo; o centurião marchava junto à fila sem deixar de olhar, inquieto, para o nevoeiro que cobria o caminho percorrido. O lançamento de dardos não atrasara muito os bretões e, de novo, voltaram a ouvir cascos, mas desta vez mais cautelosos e pausados.

O centurião apercebeu-se de um som abafado e um dos seus homens emitiu um grito desesperado de dor. Voltou-se e viu que uma flecha se cravara nas costas do último legionário. O ferido, a respirar com custo devido ao sangue nos pulmões, caiu de joelhos e tombou lentamente para um lado sobre a lama.

— Corram!

Os cintos e armaduras dos legionários agitaram-se com o acelerar do passo que visava distanciarem-se dos seus perseguidores invisíveis. Da neblina surgiram mais flechas lançadas às cegas contra os romanos. Ainda assim, algumas atingiam os seus alvos e a coluna de soldados foi-se reduzindo conforme os homens tombavam pelo caminho e, com as espadas desembainhadas, aguardavam os seus tristes fins. Quando o centurião alcançou a última colina, onde o pântano dava lugar às areias da praia, apenas restavam quatro homens. O débil som do mar era como uma melodia de esperança aos seus ouvidos e a brisa ligeira de setembro dissipava a neblina que tinham pela frente.

De repente, o caminho surgiu, nitidamente. Duzentos passos à sua frente, uma pequena embarcação esperava-os à beira-mar. Ao largo, um trirreme deslizava sobre a ondulação suave e, mais longe no horizonte, a mancha escura da frota invasora desvanecia-se na penumbra do ocaso.

— Corram para o barco — voltou o centurião a gritar, atirando a espada e o escudo para o chão. — Corram!

A areia saltava sobre os seus pés enquanto corriam para a embarcação. Nesse instante, a trompa de guerra soou nas suas costas. Os bretões, ao avistarem o mar, esporearam os cavalos para alcançar os sobreviventes antes que se pusessem a salvo. O centurião cerrou os dentes e lançou-se pelo pequeno declive, consciente da inexorável proximidade do inimigo, mas nem ousou olhar para trás com medo que isso lhe reduzisse o passo. Na ré do barco, avistou um homem alto, em pé, trajado com uma capa vermelha de general que ondulava ao vento, a acenar-lhe, desesperado. Depois de avançar uns cinquenta passos, escutou um grito agudo mesmo atrás de si; um dos bretões havia cravado uma lança num dos legionários.

Com todas as fibras do seu corpo a gritarem pela vida, o centurião atravessou a areia molhada e lançou-se, por entre as ondas, para a proa da embarcação. Mãos ávidas agarraram-no pelos ombros e puxaram-no com força. Logo depois, um legionário tombou sobre ele, tentando recuperar a respiração.

Dois dos enormes guardas pessoais do general arremessaram as suas lanças na direção do inimigo. Mas estas nem os alcançaram; o barco já estava em águas mais profundas e os remadores faziam o seu trabalho, levando-os para a segurança da trirreme.

— Conseguiram esconder o carro? — perguntou o general, num tom preocupado.

— Sim, senhor... — balbuciou o centurião e deu umas palmadinhas na tábua de cera que levava pendurada de lado. — Tenho um mapa, senhor... Fi-lo o melhor que pude, dado o pouco tempo de que dispúnhamos.

— Bom trabalho, centurião. Bom trabalho. Eu agora fico com isso.

Quando o centurião entregou a tábua ao general, olhou em redor e viu o único homem que conseguira salvar-se com ele. Apenas um. Na costa, uma vintena de cavaleiros agrupava-se à volta de outro dos seus soldados, estúpido o suficiente para se ter deixado capturar com vida, e estremeceu perante a ideia dos horrores que aguardavam aquele indefeso legionário.

Todos os homens a bordo observavam a cena em silêncio até que, por fim, o general falou.

— Haveremos de voltar, homens. Haveremos de voltar. E quando assim for, prometo que faremos com que esses sacanas se arrependam amargamente de terem levantado armas contra Roma. Eu, Caio Júlio César, juro-o sobre o túmulo do meu pai...

1

FRONTEIRA DO RENO

*Noventa e seis anos depois, durante o segundo
ano de governo do Imperador Cláudio
Finais de 42 d.C.*

Uma rajada de vento gelado entrou, juntamente com a sentinela, pela porta da latrina.

— Aproxima-se um carro, senhor!

— Fecha o raio da porta! Mais alguma coisa?

— E também uma coluna de homens.

— Soldados?

— Creio que não. — A sentinela fez uma careta. — A não ser que tenham feito mudanças nas instruções de marcha.

O centurião olhou para ele com severidade.

— Não me lembro de ter perguntado a tua opinião sobre as normas, soldado.

— Não, senhor.

A sentinela endireitou-se perante o olhar do seu superior. Alguns meses atrás, Lúcio Cornélio Macro ainda era apenas um *optio*, mas entretanto fora promovido ao centurionato e mostrava algumas dificuldades em lidar com isso. Os seus antigos camaradas continuavam a tratá-lo como a um igual. Era difícil mostrar respeito por um homem a quem ainda recentemente tinham visto a vomitar-se todo devido ao vinho barato.

Mas Macro soubera, alguns meses antes da promoção, que os oficiais superiores consideravam a possibilidade de ele vir a ocupar a primeira vaga na categoria de centurião e, como tal, havia procurado que as suas indiscrições fossem mínimas. Porque, se se observasse as qualidades de Macro no seu conjunto, era um bom soldado — quando era preciso ser-se um bom soldado — aplicado no seu dever, digno de confiança e obediente; para além do mais, podia contar-se com ele para resistir em combate e motivar os demais a fazer o mesmo.

De repente, Macro deu-se conta de que já há algum tempo que olhava fixamente para a sentinela, e esta, como era natural, sentia-se incomodada por ser escrutinada em silêncio por um superior. E toda a gente sabia que os oficiais podiam ser uns filhos da mãe imprevisíveis, pensava a sentinela, inquieta. Quando se lhes dava poder, ou não sabiam o que fazer com ele ou limitavam-se a dar ordens retorcidas e estúpidas.

— Quais são as suas ordens, senhor?

— Ordens? — Macro franziu a testa. — De acordo. Eu vou lá. Volta para o portão.

— Sim, senhor.

A sentinela deu meia-volta e saiu rapidamente do quarto das latrinas dos oficiais subalternos, perante o olhar fulminante de meia dezena de centuriões. Uma das normas não escritas era nunca, mas mesmo nunca, permitir que os soldados fossem interromper os oficiais superiores quando estes se encontravam nas latrinas. Macro limpou-se com a esponja, puxou as calças e desculpou-se perante os outros centuriões antes de sair a toda a pressa.

Estava uma noite desagradável e soprava um vento frio do Norte que trazia chuva das florestas germânicas. Esta caía com força sobre o Reno e sobre a fortaleza, penetrando nas casernas em rajadas geladas. Macro suspeitava que ainda não caíra no goto dos seus novos subalternos, mas estava decidido a mostrar-lhes que se encontravam redondamente enganados acerca de si. Se bem que os seus propósitos não estivessem propriamente a surtir o efeito desejado. Os serviços administrativos relacionados com o comando de oitenta homens haviam-se revelado um pesadelo: era responsável por toda uma gama de tarefas, desde distribuição das rações, turnos de limpeza das latrinas, turnos de guarda, inspeções às armas, registos dos castigos, recibos da aquisição dos apetrechos, distribuição da forragem para os cavalos da secção, até controlo de pagamentos, poupanças e funerais.

A única ajuda de que dispunha para desempenhar todas estas obrigações provinha do administrativo das centúrias, um indivíduo velho e enrugado que dava pelo nome de Piso, de quem Macro suspeitava um comportamento desonesto ou então de não passar de um mero incompetente. Mas Macro não tinha qualquer forma de o averiguar porque era quase analfabeto. Tinha conhecimentos básicos de letras e números, era capaz de reconhecer a maioria destes de forma isolada, mas não passava daí. E agora era centurião, um posto que exigia saber-se ler. O legado tinha dado como adquirido que Macro sabia ler e escrever ao aprovar a sua nomeação. Se se viesse a saber que não era mais letrado do que um provinciano da Campânia, seria automaticamente

despromovido. Até agora Macro conseguira tornear esse problema delegando em Piso todos os trâmites burocráticos, alegando que outras tarefas ocupavam demasiado o seu tempo, mas estava certo de que o administrativo começara a suspeitar da verdade. Abanou a cabeça e ajustou a capa vermelha ao acercar-se do portão da fortaleza.

A noite cerrada e as nuvens baixas obscureciam ainda mais o céu, um claro indício de que em breve nevaria. Da escuridão vinham os sons típicos da vida numa fortaleza e que faziam parte da existência de Macro há mais de doze anos. Ouvia os machos a zurrar nos estábulos, no final de cada secção de casernas, e as vozes dos soldados a falar e a gritar à luz bruxuleante das velas, chegando até ele através das janelas.

Ao passar por uma caserna, ouviu uma gargalhada seguida de uma risada feminina aguda. Macro deteve o passo e escutou. Alguém havia conseguido introduzir uma mulher no acampamento. Esta voltou a rir-se e começou a falar em latim com um forte sotaque, sendo logo calada pelo seu companheiro. Aquilo era uma flagrante violação do regulamento e Macro deu a volta bruscamente, preparando-se para entrar. Então deteve-se. A sua obrigação era irromper pelo lugar adentro dando gritos de autoridade, enviar o soldado para o quartel militar e expulsar a mulher do acampamento. Mas isso significava fazer uma anotação no livro de punições, ou seja, teria de escrever.

Rangendo os dentes, Macro apartou a mão do ferrolho e voltou a percorrer o caminho em silêncio, ao mesmo tempo que a mulher soltava outra risada que lhe ficou a pesar na consciência. Lançou um olhar em redor para se assegurar de que ninguém testemunhara a sua intenção falhada de atuar e apressou-se em direção ao portão sul. Aquele maldito soldado merecia uma tarefa, e se pertencesse à sua centúria, não teria escapado. Nada de papela-da, apenas um bom pontapé nos tomates para se assegurar de que o castigo correspondia ao delito. Pela voz da mulher, só podia tratar-se de uma daquelas rameiras germânicas do povoado próximo do acampamento. Macro consolou-se com a ideia de que aquele legionário talvez contraísse gonorreia.

Apesar da escuridão que envolvia as ruas, Macro deslocava-se por instinto na direção correta, pois todas as bases respeitavam a mesma planta, tanto os acampamentos como as fortalezas. Numa questão de instantes, chegou à rua mais larga, a da Via Pretória, e dirigiu-se até ao portão onde a rua atravessava os muros e se prolongava até à parte sul do acampamento base. A sentinela que o havia interrompido nas latrinas aguardava-o na base das escadas. Encaminharam-se para a sala da guarda e subiram a estreita escada de madeira até às muralhas, onde um braseiro projetava uma luminosidade

cálida e incandescente. Quatro legionários jogavam aos dados em bancos junto ao fogo. Logo que avistaram a cabeça do centurião emergir das escadas, endireitaram-se.

— Deixem-se estar, rapazes — disse Macro. — Continuem os vossos afazeres.

Quando Macro levantou a tranca, a porta da muralha abriu-se para dentro impelida pelo vento, o que fez com que o braseiro se inflamasse. Macro saiu e fechou-a com custo. No passadiço das sentinelas, o vento batia com força e quase lhe levava a capa; de tal forma que lhe arrancou a fivela do ombro esquerdo. Macro apressou-se a agarrá-la e segurou a capa com força contra o corpo.

— Onde estão?

A sentinela fitou demoradamente a escuridão, por entre as ameias, e apontou com o dardo na direção sul, para uma luz diminuta que abanava na parte de trás de uma carroça. Macro forçou a vista, conseguindo ver o contorno indistinto do veículo e, atrás deste, um grupo de homens que caminhavam a custo. No final da coluna, a avançar mais ordenadamente, encontrava-se a escolta cujo trabalho consistia em não permitir que os mais lentos atrasassem a marcha. No total deviam ser uns duzentos homens.

— Chamo a guarda, senhor?

Macro voltou-se para a sentinela.

— O que é que disseste?

— Chamo a guarda, senhor?

Macro lançou-lhe um olhar condescendente. Siro era um dos homens mais jovens da centúria e, mesmo sabendo o nome de todos os soldados sob o seu comando, Macro ainda não conhecia bem as suas personalidades nem nada acerca das suas vidas.

— Estás há muito tempo no exército?

— Não, senhor. Em dezembro fará um ano.

Macro pensou que não fazia muito que terminara a instrução. Era evidente que seguia à letra as normas e aplicava-as a todas as circunstâncias. Com o tempo, aprenderia; saberia encontrar um compromisso entre cumprir as normas de forma rigorosa e fazer o que era preciso para que as coisas andassem para a frente.

— E porque é que deveríamos chamar a guarda?

— O regulamento assim o exige, senhor. Se um grupo de homens não identificado se aproximar do acampamento, deve-se alertar a centúria de guarda para que proteja o portão e os muros.

Macro observou-o, surpreso. Estava a citar de memória. Não havia dúvidas de que Siro levava a instrução a sério.

— E depois?

— Senhor?

— O que é que acontece depois?

— O centurião de guarda, após analisar a situação, decide se é necessário soar o alerta geral — disse Siro sem mudar o tom da voz, e no final acrescentou rapidamente: — Senhor.

— Muito bem dito.

Macro sorriu e a sentinela devolveu-lhe o sorriso, aliviada, antes de o oficial voltar a olhar novamente para a coluna que se aproximava.

— Diz-me, até que ponto crês que são uma ameaça? Assustam-te, soldado? Crês que essas duzentas criaturas vão lançar-se contra os nossos muros, escalá-los e matar todos os soldados da Segunda Legião? O que é que achas?

A sentinela fitou Macro, depois olhou atentamente para a distância, e voltou-se envergonhada para o centurião.

— Não o creio.

— Não o creio, *senhor!* — disse-lhe Macro num tom áspero, pregando-lhe um murro no ombro.

— Desculpe, senhor.

— Diz-me, Siro, prestaste atenção às instruções das sentinelas?

— Sim, senhor.

— Prestaste atenção a cada detalhe?

— Creio que sim, senhor.

— Então deves recordar-te do que foi dito, que esperávamos a chegada de reforços, certo? E não teria sido preciso que me arrancasses da latrina e me interrompesses a meio de uma particularmente boa cagada.

O jovem mostrou-se consternado e custava-lhe suportar a expressão de resignação do centurião.

— Perdão, senhor. Não voltará a acontecer.

— Faz com que assim seja. Caso contrário, duplico-te as guardas até ao final do ano. Reúne os rapazes no portão. Eu trato de lhes pedir a identificação.

Envergonhada, a sentinela saudou-o e voltou à casa da guarda. Macro ouviu os soldados a levantarem-se e a descerem as escadas de madeira em direção ao portão principal. Sorriu. O rapaz era aplicado e sentia-se culpado pelo seu erro. O suficiente para que não o repetisse. Isso era ótimo. Era assim que se faziam soldados em quem se podia confiar, pois ninguém nascia soldado, pensou Macro.

Uma inesperada rajada de vento abanou o centurião, e este refugiou-se na sala da guarda. Colocou-se junto ao braseiro e suspirou, aliviado, ao sentir o calor invadir-lhe o corpo. Momentos depois, abriu o postigo da janela e olhou para a escuridão da noite. A coluna estava mais próxima e já se distinguíam o carro e os homens do segundo grupo. Um lamentável grupo de recrutas — pensou — sem uma pitada de espírito dentro deles. Apesar de já avistarem o refúgio, continuavam a marchar com penosa apatia.

De repente, começou a chover com mais força, as gotas fustigavam-lhes a pele e nem assim a coluna acelerou o passo. Macro sacudiu a cabeça, exasperado, e deu início às formalidades. Abriu o postigo principal, enfiou a cabeça pela janela e respirou fundo.

— Alto aí! — gritou. — Identifiquem-se!

O carro estacou a uns cinquenta metros do muro e uma figura junto ao arrieiro levantou-se para responder:

— Coluna de reforços proveniente de Avêntico e escolta com Lúcio Batácio Bestia ao comando.

— Contrassenha? — exigiu Macro, apesar de conhecer perfeitamente Bestia, o centurião superior da Segunda Legião e, portanto, muito acima do seu próprio posto.

— Ouriço-cacheiro. Permissão para entrar?

— Entrem, amigos.

Com um estalo do chicote, o arrieiro forçou os bois a subir a encosta que conduzia ao portão, e Macro foi até junto do postigo, do qual era visível o interior da fortaleza. Em baixo, as sentinelas encolhiam-se num canto para se protegerem da chuva.

— Abram as portas — ordenou Macro.

Um dos soldados apressou-se a correr o ferrolho e os outros levantaram a tranca. As portas de madeira chiaram ao abrirem-se de par em par e o carro, que já havia subido o final da encosta, entrou com ímpeto no acampamento. Da sala da guarda, Macro observou o carro a chegar-se para um dos lados. Bestia saltou do seu assento e apontou com a sua vara de videira a procissão lastimosa de novos recrutas que passavam ensopados sob o portal.

— Vamos, seus filhos da mãe! Andem, rápido! Quanto mais depressa entrarem, mais depressa vão ficar quentes e secos.

Os recrutas, que haviam seguido atrás do carro durante mais de trezentos quilómetros, uma vez lá dentro, começaram a agrupar-se ao seu redor. A maioria vestia capas de viagem e trazia os seus pertences em cobertores atados ao ombro. Os mais pobres não traziam nada; alguns nem tinham capas,

e tremiam miseravelmente sob a chuva e o vento gelado. No final, havia um pequeno grupo de prisioneiros acorrentados que tinham preferido o exército ao cárcere.

Bestia enfiou-se por entre a multidão crescente, afastando os homens com a vara para arranjar lugar entre eles.

— Não fiquem aqui parados como ovelhas. Deem espaço aos verdadeiros soldados. Vão para o outro lado da rua e alinhem-se virados para este lado. AGORA!

O último da fila entrou pelo portão aos tropeções e apressou-se a seguir os demais, para ocupar um lugar na linha irregular que se formava à frente do carro. Por fim, a escolta de vinte homens entrou a marcar passo e deteve-se em sincronia ao grito de comando de Bestia. Este fez uma pausa dramática, para dar ênfase à comparação. Entretanto, Macro ordenou às sentinelas que fechassem as portas e retomassem os seus deveres. Bestia voltou-se para os recrutas, com as pernas afastadas e as mãos nas ancas.

— Estes homens — Bestia apontou para trás com a cabeça — são membros da Segunda Legião, a Legião Augusta, a mais forte de todo o exército romano, não se esqueçam disso. Não existe uma única tribo bárbara, por muito longe que esteja, que não tenha ouvido falar de nós e que não trema perante o nosso nome. A Segunda Legião é a unidade que mais escória germânica matou e que mais território conquistou. E tudo porque preparamos os nossos homens para serem os soldados mais malvados, mais duros e destemidos do mundo civilizado... Vocês, pelo contrário, são um monte de cagalhões inúteis e insignificantes. Nem sequer são homens. São a forma de vida menos digna que alguma vez se intitulou de romana. Desprezo-vos a todos e garanto-vos que eliminarei toda a escória para que só os melhores passem a fazer parte da minha querida Segunda Legião e sirvam sob o estandarte da águia. Tenho vindo a observar-vos desde Avêntico e, minhas meninas, estão longe de me impressionar. Alistaram-se, não foi? Pois agora são todos meus. Pertencem-me. Vou instruir-vos, calejar-vos, farei de vocês homens a sério. E então, *se* e quando eu achar que estão preparados, permitirei que se tornem legionários. Se algum de vocês não se dedicar até à última gota de suor, desfaço-o com isto. — Levantou a vara bem alto para que todos a vissem. — Fui bem claro, seus merdosos?

Os recrutas assentiram com um murmúrio; alguns, de tão cansados, fizeram-no apenas com a cabeça.

— O que é que foi isso? — gritou Bestia, enfurecido. — Não ouvi um raio!

Aproximou-se dos recrutas e agarrou um pela gola da capa. Macro reparou que aquele não estava vestido como os outros. O fabrico da sua capa era sem dúvida bem caro, apesar da lama que a cobria. Era o recruta mais alto, ainda que magro e de aspeto bastante frágil: a vítima perfeita para um castigo exemplar.

— Que merda é esta? O que faz o raio de um soldado com uma capa mais cara do que a minha? Roubaste-a, rapaz?

— Não — respondeu o recruta com tranquilidade. — Deu-me um amigo.

Bestia golpeou-lhe o estômago com a vara e o recruta dobrou-se e caiu de joelhos na lama do chão. Bestia olhava para ele com a vara levantada, ameaçando dar-lhe outro golpe.

— Sempre que te dirigires a mim, dizes *senhor*. Entendido?

Macro viu como o rapaz respirava com dificuldade, ao tentar responder. Bestia voltou a golpeá-lo, desta vez nas costas, e o rapaz gritou.

— Fiz-te uma pergunta.

— Sim, senhor — exclamou o recruta.

— Não te oiço!

— SIM, SENHOR!

— Assim está melhor. Vejamos o que mais tens aqui.

O centurião arrancou-lhe a manta que fazia de saca e abriu-a. O conteúdo desta caiu no chão enlameado: algumas mudas, um frasquinho, um pouco de pão, dois pergaminhos e um estojo de caligrafia em pele.

— Mas que raio...! — O centurião olhou para este último e levantou-o lentamente com a ponta dos dedos. — Que merda é esta?

— Os meus utensílios de escrita, senhor.

— Utensílios de escrita? E para que raio quer um legionário utensílios de escrita?

— Prometi escrever aos meus amigos em Roma, senhor.

— Aos teus amigos? — Bestia sorriu com crueldade. — Não tens uma mamã a quem escrever? Ou um papá, talvez?

— Morreu, senhor.

— E ao menos sabes qual era o nome dele?

— Claro, senhor. Chamava-se...

— Silêncio! — Bestia interrompeu-o. — Estou-me a lixar para o nome dele. Aqui todos vocês são uns filhos da mãe sem pai. Como é que te chamas, bastardo?

— Quinto Licínio Cato... senhor.

— Bem, Cato, existem dois tipos de legionários que sabem escrever: os

espiões e os imbecis que acham que um dia vão chegar a oficiais. A que grupo pertences tu?

O recruta fitou-o com receio.

— A nenhum, senhor.

— Então, nesse caso, não precisas destas merdas, certo? — Bestia deu um pontapé nos instrumentos e nos pergaminhos, que voaram para a lama que estava no meio do caminho.

— Cuidado, senhor!

— O que é que disseste? — O centurião deu a volta bruscamente com a vara no ar. — O que é que foi que me disseste?

— Disse cuidado, senhor. Um desses pergaminhos contém uma mensagem pessoal para o legado.

— Uma mensagem pessoal para o legado! Oh, muito bem, nesse caso...

Macro sorriu ao ver o centurião vacilar por um momento. Havia todo o tipo de desculpas e explicações, mas era a primeira vez que ouvia uma assim. Que raio fazia um recruta com uma mensagem pessoal para o legado? Um grande mistério, que ainda por cima tinha derrubado Bestia do seu pedestal. Ainda que por pouco tempo, já que o centurião apontou com a vara para os pergaminhos.

— Maldito sejas, apanha aquilo e traz-mo aqui. Acabaste de chegar e já puseste o acampamento de pernas para o ar. Miseráveis recrutas — queixou-se. — Dão-me vontade de vomitar. Ouviste-me? Apanha aquilo!

Enquanto o recruta se agachava para recolher os seus pertences, Bestia gritou uma série de ordens para atribuir a cada membro da escolta um grupo de recrutas e conduziu-os às suas unidades.

— Movam-se! TU NÃO! — Bestia falava com o recruta isolado que tinha conseguido guardar os seus pertences na manta e já se encaminhava, sob a chuva, para um grupo de soldados. — Para aqui! E vocês, para onde é que estão a olhar?

A escolta de legionários começou a cumprir as suas ordens. Enquanto os recrutas eram chamados e agrupados, Bestia pegou no pergaminho que Cato lhe estendia. Resguardando-o como podia da chuva, olhou com atenção para a direção do lacre. Comprovou o selo, voltou a olhar para a direção do lacre, e fez uma pausa para considerar o seguinte passo. Ao levantar o olhar para a sala da guarda, deu com Macro a sorrir com a situação. Aquilo fê-lo logo tomar uma decisão.

— Macro, mexe esse cu e vem cá abaixo.

Instantes depois, Macro estava em frente a Bestia, sob a chuva que lhe fazia piscar os olhos a cada gota que lhe pingava do elmo.

— Parece autêntico. — Bestia abanou o pergaminho em frente do nariz do oficial subalterno. — Quero que leves isto e que escoltes este nosso amigo até ao quartel-general.

— Estou de guarda, senhor.

— Eu substituo-te até que voltes. Vá, mexe-te.

Cretino!, pensou Macro com os seus botões. Bestia não fazia ideia se a carta era importante, nem sequer se era autêntica. Mas preferia não arriscar. Naqueles tempos, as comunicações chegavam da maneira mais estranha aos legados, mesmo quando provinham de altas patentes. Melhor seria que outro levasse a culpa, caso a carta viesse a revelar não ter qualquer valor.

— Sim, senhor — respondeu Macro asperamente, ao pegar no pergaminho.

— E não demores muito. Tenho uma cama quente à minha espera.

Bestia encaminhou-se para a sala da guarda e subiu as escadas em direção ao abrigo do quarto das sentinelas. Macro fulminou-o com o olhar. A seguir, virou-se para observar melhor o novo recruta, que provocara a sua caminhada sob a chuva até ao edifício do quartel-general. Teve de levantar a cabeça para estudar o rapaz, mais alto do que ele uma boa cabeça. Debaixo da capa de viagem, o cabelo negro estava todo empastado e escorria água. Sob uma testa direita, os olhos castanhos e penetrantes fitavam-no separados por um nariz alto e estreito. O rapaz tinha a boca fechada, mas o lábio inferior tremia ligeiramente. Apesar de ter a roupa ensopada e enlameada, com a caminhada desde o depósito de Avêntico, percebia-se que era de uma qualidade surpreendente. E quanto aos utensílios de escrita, os livros e a carta para o legado... Era evidente que se passava qualquer coisa especial com aquele recruta. Não lhe parecia faltar dinheiro, mas, nesse caso, porque se havia alistado no exército?

— Cato, certo?

— Sim.

— A mim também me chamas senhor — disse-lhe Macro com um sorriso.

Cato endireitou-se no que lhe parecia ser uma posição de sentido, e Macro riu-se.

— À vontade, rapaz. Descansa. Não vais para a parada a não ser amanhã de manhã. Vamos lá entregar esta carta.

Macro deu-lhe um ligeiro empurrão e dirigiram-se para o centro da

base onde se divisava o imponente edifício do quartel-general. Pelo caminho, olhou mais detalhadamente para a carta e assobiou baixinho.

— Sabes o que significa este selo?

— Sim... senhor. É o selo imperial.

— E porque é que o serviço imperial iria usar um recruta como mensageiro?

— Não faço ideia, senhor.

— De quem é?

— Do Imperador.

Macro conteve uma exclamação. Decididamente aquele rapaz havia suscitado o seu interesse. Por que diabos o Imperador enviava uma mensagem através de um miserável recruta? A não ser que aquele rapaz fosse mais importante do que parecia. Macro decidiu que faria uma aproximação mais diplomática se pretendia saber algo mais.

— Perdoa-me a pergunta, mas porque estás aqui?

— Porque estou aqui, senhor? Alistei-me no exército, senhor.

— Mas porquê? — insistiu Macro.

— Por causa do meu pai, senhor. Antes de morrer, estive no serviço imperial.

— E o que fazia ele?

Ao notar que o rapaz não respondia, olhou para ele e viu que tinha a cabeça baixa e uma expressão perturbada.

— Então?

— Era um escravo, senhor. — A vergonha por o dizer era evidente, mesmo perante um homem como Macro. — Antes de ser libertado por Tibério. Eu nasci pouco antes.

— Que azar. — Macro compadeceu-se; a categoria de liberto não era hereditária. — Presumo que tenhas sido liberto pouco depois. O teu pai comprou-te?

— Não o deixaram, senhor. Não sei porquê, mas Tibério não o permitiu. O meu pai morreu alguns meses atrás. No seu testamento pedia que me libertassem na condição de que continuasse a servir o Império. O Imperador Cláudio aceitou, desde que me alistasse no exército, e por isso aqui estou.

— Hum... Não me parece que tenha sido um grande negócio.

— Não estou de acordo consigo, senhor. Agora sou livre. É sempre melhor do que ser escravo.

— Acreditas mesmo nisso? — Macro sorriu.

Não parecia uma boa mudança de categoria: das comodidades do

palácio para a vida dura do exército, e a possibilidade ocasional de arriscar a vida em batalha. Macro ouvira dizer que alguns dos homens mais ricos e poderosos de Roma se encontravam entre os escravos e libertos ao serviço do Império.

— Não importa, senhor — concluiu Cato, num tom amargo. — Não me deram nenhuma possibilidade de escolha.